

*Status Report*

# UM BALANÇO DA POLÍTICA EXTERNA DA ERA TRUMP

# PENSAR DIALOGAR DISSEMINAR INFLUENCIAR

## **#2 *Think tank* da América do Sul e Central**

*University of Pennsylvania's Think Tanks  
and Civil Societies Program 2019 Global  
Go To Think Tank Index Report*

---

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um *think tank* independente, que contribui para a construção da agenda internacional do Brasil. Há mais de vinte anos, a instituição se dedica à promoção do debate plural e propositivo sobre o cenário internacional e a política externa brasileira.

O CEBRI prioriza em seus trabalhos temáticas de maior potencial para alavancar a inserção internacional do país à economia global, propondo soluções pragmáticas na formulação de políticas públicas.

É uma instituição sem fins lucrativos, com sede no Rio de Janeiro e reconhecida internacionalmente. Hoje, reúne cerca de 100 associados, que representam múltiplos interesses e segmentos econômicos e mobiliza uma rede de profissionais e organizações no mundo todo. Além disso, conta com um Conselho Curador atuante e formado por figuras proeminentes na sociedade brasileira.

**[www.cebri.org](http://www.cebri.org)**

---

*Status Report*

# UM BALANÇO DA POLÍTICA EXTERNA DA ERA TRUMP

**Fernanda Magnotta\***

---

\* Doutora e mestre pelo PPGRI San Tiago Dantas (UNESP/UNICAMP/PUC-SP). Especialista em política dos Estados Unidos, atualmente é Senior Fellow do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) no Núcleo "Américas - Estados Unidos", professora e coordenadora do curso de Relações Internacionais da FAAP e atua como consultora da Comissão de Relações Internacionais da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/SP).

## FICHA TÉCNICA

---

### AUTORA

#### **Fernanda Magnotta**

*Senior Fellow* do CEBRI, professora e coordenadora do curso de Relações Internacionais da FAAP e consultora da Comissão de Relações Internacionais da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/SP).

### COORDENAÇÃO EDITORIAL

#### **Julia Dias Leite**

Diretora-Presidente do CEBRI

#### **Luciana Gama Muniz**

Diretora de Projetos do CEBRI

#### **Hugo Bras Martins da Costa**

Consultor de Relações Internacionais do CEBRI

### DIAGRAMAÇÃO

#### **Presto Design**

Agradecemos à equipe que tornou a publicação deste relatório possível, especialmente à valiosa contribuição de Victoria Castelli, que atuou como assistente de pesquisa.

As opiniões externadas nessa publicação são de exclusiva responsabilidade de sua autora.

---

Todos os direitos reservados:  
CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea  
Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044  
Tel + 55 21 2206-4400 - [cebri@cebri.org.br](mailto:cebri@cebri.org.br)  
[www.cebri.org](http://www.cebri.org)

# NÚCLEO ESTADOS UNIDOS

Contribuir, por meio do diálogo estruturado e da produção de conhecimento, para aprofundar o relacionamento entre setores públicos e privados dos dois países e para informar *stakeholders* interessados no cenário político e econômico dos Estados Unidos é o principal objetivo deste Núcleo. Temas como meio ambiente, ciência e tecnologia, segurança e defesa, cooperação na área agrícola compõem a agenda de trabalho.



CONSELHEIRO

**Embaixador  
Sérgio Amaral**

Membro do Felsberg e Advogados, membro do Conselho Estratégico da FIESP, ex-Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e ex-Embaixador do Brasil em Londres, Paris e Washington, D.C.



CONSELHEIRO

**Henrique Rzezinski**

Ex-Diretor de Relações Institucionais da ENEVA e ex-Vice-Presidente de Relações Externas da Embraer



SENIOR FELLOW

**Fernanda Magnotta**

Doutora e mestre pelo PPGRI San Tiago Dantas (UNESP/UNICAMP/PUC-SP). Especialista em política dos Estados Unidos, atualmente é professora e coordenadora do curso de Relações Internacionais da FAAP e atua como consultora da Comissão de Relações Internacionais da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/SP).



DIRETORA-PRESIDENTE

**Julia Dias Leite**

Diretora-Presidente do CEBRI. Atua há 20 anos na área de Relações Internacionais. Ocupou cargos de direção nas principais instituições independentes do setor no Brasil e desenvolveu relacionamento com representantes da iniciativa privada, governos e entidades oficiais nacionais e no exterior, em especial da América do Sul, Estados Unidos e Ásia. Dentre elas, foi Secretária Executiva do Conselho Empresarial Brasil China (CEBC). Formada em Direito pela Universidade Cândido Mendes e com MBA em Gestão de Negócios pela FGV, colaborou na área de pesquisas com o Council of the Americas, em Nova York. É *Fellow* do Inter-American Dialogue e, em 2017, foi a representante brasileira no International Visitor Leadership Program, do Departamento de Estado americano. É Presidente do Conselho de Administração da Piemonte Holding.

# Sumário

- 7** — **Introdução**
- 9** — **As linhas gerais da política externa de Trump**
- 12** — **Quadro 01**  
Secretários de Estado e Secretários de Defesa que serviram durante governo Trump
- 14** — **Quadro 02**  
Acordos, Tratados e Organizações Internacionais no governo Trump
- 15** — **Quadro 03**  
Política de Imigração no governo Trump
- 16** — **Quadro 04**  
Viagens internacionais do presidente Trump
- 19** — **Quadro 05**  
Relações com a China
- 21** — **Quadro 06**  
Relações com a Coreia do Norte
- 22** — **Quadro 07**  
Relações com Cuba
- 23** — **Quadro 08**  
Relações com o Irã
- 24** — **Quadro 09**  
Relações com Israel, Palestina e o acordo com os Emirados Árabes Unidos
- 25** — **Quadro 10**  
Relações com o México
- 26** — **Quadro 11**  
Relações com a Rússia
- 26** — **Quadro 12**  
Relações com a Síria
- 27** — **Quadro 13**  
Relações com a Venezuela
- 28** — **Ponderações Finais**
- 30** — **Referências**

# Introdução

Eleito em novembro de 2016, Donald Trump chegou ao poder contestando as elites políticas e o *establishment* norte-americano. Na tentativa de distanciar-se de seu antecessor, o democrata Barack Obama, e das lideranças tradicionais do país, apresentou-se um outsider e porta-voz de um movimento conservador que ambicionava “drenar o pântano”<sup>1</sup> de Washington.

Trump rapidamente passou a ser identificado como um “anti-globalista”, termo que tornou-se uma espécie de “slogan político” do novo governo, cujo estrategista-chefe era Steve Bannon, conhecido como precursor da *alt-right*<sup>2</sup> nos Estados Unidos. Somada ao mote de campanha “*Make America Great Again*” (“Fazer da América Grande de Novo”), a narrativa de Trump apontou para um caminho de inserção internacional baseado no endurecimento de medidas imigratórias, em restrições ao multilateralismo e críticas às instituições responsáveis pela governança global, além do reforço de um discurso nacionalista pautado na permanente polarização com grupos identificados à esquerda, dentro e fora do país.

Trump já havia se comprometido com essa agenda desde a oficialização de sua nomeação como candidato à presidência. Durante a Convenção Nacional Republicana, em 2016, disse que, em matéria de política externa, se empenharia em seguir a doutrina “do americanismo, e não do globalismo”. No mesmo ano, durante a campanha eleitoral, já havia declarado que “era hora de sacudir a ferrugem da política externa dos Estados Unidos” (TRUMP, 2016a; TRUMP, 2016b).

Em seu discurso de posse, no início de 2017, Trump seguiu na mesma linha. Acusou outros países de terem enriquecido suas indústrias às custas da indústria norte-americana, disse que os Estados Unidos haviam subsidiado exércitos de terceiros e defendido fronteiras de outros países à revelia de suas próprias, e que enquanto havia comprometido trilhões de dólares no exterior, o país convivia com uma infraestrutura doméstica decadente. Encerrou a fala prometendo que, sob

---

1. A expressão “*Drain the swamp*” foi utilizada dezenas de vezes por Donald Trump ao longo da campanha presidencial de 2016. Usualmente servia para criticar escolhas e práticas dos políticos no governo federal.

2. Para saber mais sobre o conceito, recomendamos a leitura de: HAWLEY, George. *Making Sense of the Alt-Right*. New York: Columbia University Press, 2017.

sua gestão, o lema seria “*America First*” (“América em primeiro lugar”) (THE WHITE HOUSE, 2017a).

No primeiro discurso como presidente dos Estados Unidos na Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2017, Trump criticou a Coreia do Norte, o Irã, a Venezuela e Cuba (THE WHITE HOUSE, 2017b). Um ano depois, também na Assembleia Geral, defendeu a “doutrina do patriotismo” e disse que os Estados Unidos sempre escolheriam “a independência e a cooperação em vez de governos globais, controle e dominação”, honrando, de acordo com sua perspectiva, “o direito de cada nação de buscar seus próprios costumes, crenças e tradições” (THE WHITE HOUSE, 2018).

Ao longo dos últimos quatro anos, Trump buscou materializar boa parte de suas promessas de campanha e rompeu com paradigmas históricos da política externa dos Estados Unidos. Uma vez encerrado seu mandato, em janeiro de 2021, o objetivo do presente artigo é compilar dados relevantes dessa gestão e promover um balanço dos últimos quatro anos no que diz respeito à política externa do governo Trump.

Assumimos que compreender as escolhas e implicações dessa administração é fundamental, não só para jogar luz sobre o legado deixado pelo presidente em questão, como também para compreender o estado atual da política externa dos Estados Unidos, os desafios e oportunidades que se apresentarão ao novo presidente eleito, Joe Biden.

Nas próximas seções discutimos os pilares da política externa da administração Trump, reunimos a avaliação de especialistas e condensamos as principais ações durante o período em questão.



# As linhas gerais da política externa de Trump

Uma das melhores formas de mapear as diretrizes institucionais de um governo nos Estados Unidos é observar o conteúdo publicado na *National Security Strategy* (NSS). Trata-se de um documento preparado periodicamente pelo Poder Executivo para o Congresso, que descreve as principais preocupações de segurança nacional do país e como a administração em questão planeja lidar com elas.

No caso do governo Trump, a única NSS publicada ao longo dos últimos quatro anos data de dezembro de 2017. Ela pontuou, de forma direta, os principais desafios identificados pelo gabinete, ainda no decorrer do primeiro ano de governo, e serviu como guia de ação durante o período no poder.

De acordo com o documento era importante que os Estados Unidos respondessem “aos crescentes desafios políticos, econômicos e militares” enfrentados no mundo todo, com particular atenção à relação com alguns países específicos (THE WHITE HOUSE, 2017c).

China e Rússia desafiam o poder, a influência e os interesses norte-americanos, tentando erodir a segurança e a prosperidade dos Estados Unidos. Eles estão determinados a tornar as economias menos livres e menos justas, aumentar suas forças armadas e controlar informações e dados para reprimir suas sociedades e expandir sua influência. Ao mesmo tempo, as ditaduras da República Popular Democrática da Coreia e da República Islâmica do Irã estão determinadas a desestabilizar regiões, ameaçar norte-americanos e nossos aliados e brutalizar seu próprio povo. Grupos de ameaças transnacionais, de terroristas jihadistas a organizações criminosas transnacionais, estão ativamente tentando prejudicar os norte-americanos. Embora esses desafios difiram em natureza e magnitude, são fundamentalmente disputas entre aqueles que valorizam a dignidade humana e a liberdade e aqueles que oprimem os indivíduos e impõem a uniformidade (THE WHITE HOUSE, 2017c, pp. 2-3, tradução nossa).

Por meio da publicação da NSS, quatro foram os pilares descritos como centrais para a atuação internacional dos Estados Unidos neste governo: 1) proteger o povo e o estilo de vida norte-americanos, principalmente por meio do controle fronteiriço e de uma reforma imigratória, do investimento em infraestrutura contra cri-

mes cibernéticos, do desenvolvimento de um sistema de defesa antimísseis e do combate ao terrorismo; 2) promover a prosperidade norte-americana, com foco principal em manter “relações econômicas justas e recíprocas para enfrentar os desequilíbrios comerciais” e defendendo a pesquisa e tecnologia nacional diante de concorrentes que “adquirem propriedade intelectual injustamente”; 3) preservar a paz por meio da força, investindo nas forças armadas e buscando que aliados “assumam uma parte justa do fardo da responsabilidade de proteção contra ameaças comuns”; e 4) promover a influência dos Estados Unidos por meio da defesa de valores como a liberdade, a democracia e o estado de direito (THE WHITE HOUSE, 2017c).

Quando ampliamos o escopo de análise para além do que dizem os documentos oficiais, seria possível falar também em outros quatro elementos de uma política externa trumpiana, segundo Mayer (2017). Em primeiro lugar, a preocupação em manter o país em ofensiva permanente e seus adversários na defensiva, tentando moldar o ambiente e enquadrar o debate de cada encontro com líderes estrangeiros. Em segundo lugar, a pré-disposição de adotar negociações mais duras, não se prendendo a acordos ou doutrinas, e visando expandir o campo de jogo o máximo possível. Em terceiro lugar, adotando a imprevisibilidade como estratégia, tida como elemento crucial das negociações e da ampliação do poder de barganha dos Estados Unidos. Em quarto lugar, buscando aumentar o retorno sobre o investimento norte-americano, maximizando os interesses globais dos Estados Unidos à custa das posições das Nações Unidas ou da União Europeia. Esses aspectos fundamentariam, para o autor, uma “política externa de soma zero” (MAYER, 2017).

Outra forma de caracterizar a estratégia diplomática da administração Trump foi sugerida por Haass (2020a), que falou em “*withdrawal doctrine*” (“doutrina de retirada”), uma vez que sob essa gestão, houve intensiva revisão dos compromissos internacionais assumidos pelos Estados Unidos e uma crítica permanente à ordem liberal erigida pelos próprios norte-americanos após a Segunda Guerra Mundial e reafirmada com o fim da Guerra Fria. O governo Trump foi marcado pelo ceticismo quanto à ONU e grupos de aliados (particularmente G7 e G20), pela revisão de acordos comerciais, como o Acordo de Associação Transpacífico (TPP) e *North American Free Trade Agreement* (NAFTA), pela discussão dos papéis na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), pela mudança de postura em negociações na área de meio-ambiente (vide o Acordo de Paris), pela mudança dos termos de relacionamento com o México e a China, pela tentativa de reversão de acordos com Irã e Cuba, a saída da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Tratado de Céus Abertos e, mais recentemente, a recusa em aderir a um pacto de migração global e esforços liderados pela Europa para desenvolver uma vacina contra a COVID-19.

Segundo Ikenberry (2017), Trump teria representado um “poder revisionista hostil” que afetou os Estados Unidos de dentro para fora, encerrando o papel do país como “fiador da ordem mundial liberal”. A política externa desse governo representaria, portanto, um antagonismo às convicções que perduram por pelo menos setenta anos: internacionalismo, compromisso com a abertura do comércio, apoio às regras e instituições multilaterais, reconhecimento do caráter multicultural e aberto da sociedade norte-americana e, por fim, a distinção entre “amigos democratas liberais” e “rivais autocráticos”.

Essa visão é corroborada também quando analisada sob a ótica dos conhecidos paradigmas de Mead (2002), que tipificou as lideranças ao longo da história diplomática do país. Nesse sentido, seria possível dizer que a política de Trump é movida por um sentimento marcadamente jacksoniano: o unilateralismo, que se ampara em um populismo pautado por narrativas ligadas à honra nacional e defesa de reputação (MEAD, 2017).

Para Nye (2020), a política externa da administração Trump teve uma definição “estreita e transacional dos interesses dos Estados Unidos”. Apesar disso, na esteira desse debate, cabe pontuar que, durante o seu mandato, Trump permaneceu cético não só quanto às alianças e organizações internacionais, mas também quanto à intervenção estrangeira. Assim, embora tenha aumentado o orçamento de defesa, seu governo usou a força com relativa moderação (NYE, 2020). Isso não implicaria dizer, na interpretação de Posen (2018), contudo, que Trump tenha sido um presidente isolacionista, muito pelo contrário.

Se a política externa de Trump teve alguma reticência no uso da força, ela foi marcada pelo intensivo uso de mecanismos econômicos como instrumentos de barganha política. Segundo levantamento de Drezner (2019), o governo elevou a pressão econômica contra Canadá, México, El Salvador, Honduras, Guatemala, Nicarágua, Cuba, Japão, Coreia do Norte, Coreia do Sul, Rússia, Arábia Saudita, Turquia, Venezuela, Paquistão, Índia, China e União Europeia. Também impôs tarifas mundiais às importações de aço e alumínio. Manteve entre os alvos de sanções o Corpo da Guarda Revolucionária Iraniana, o Ministro das Relações Exteriores do Irã, funcionários da Huawei e investigadores do Tribunal Penal Internacional. De acordo com o autor, “o uso da diplomacia econômica pelo governo para garantir concessões econômicas alcançou surpreendentemente pouco” (DREZNER, 2019, p. 07).

Há quem defenda, nesse contexto, que Trump apenas aplicou, internacionalmente, o princípio da reciprocidade. Para Schadlow (2020), por exemplo, o governo simplesmente “instou outras potências a assumir mais responsabilidade por sua própria segurança e contribuir mais para o fortalecimento da ordem liderada pelo

Ocidente”. Do ponto de vista do protecionismo comercial, as negociações fizeram parte “do esforço mais amplo do governo Trump para mitigar as desvantagens da globalização, como as vulnerabilidades criadas por cadeias de suprimentos *“just in time”* e a desindustrialização do centro dos Estados Unidos”. Nesse sentido, a política externa da administração Trump teria traços significativos de continuidade e visão de mundo compartilhada também por outros antecessores. Nas palavras de Porter (2018), poderia ser descrita como uma política de “estabilidade em meio à turbulência”.

Para Schultz (2019), no entanto, mesmo que a política externa de Trump compartilhe continuidades com seus antecessores, há diferenças importantes, sobretudo em relação ao processo de sua formulação interna e dos conflitos entre seu estilo pessoal e o controle que as elites responsáveis pela tomada de decisão em política externa têm sobre ele.

Haass (2019) considera ainda que cabe incluir entre os principais desafios para se avaliar a política externa de Trump também o uso frequente de redes sociais, o sigilo que cercou reuniões importantes, a alta rotatividade de funcionários de alto escalão e as lacunas entre as posições da equipe e do presidente. O **Quadro 01** apresenta um compilado dos Secretários de Estado e de Defesa que serviram ao país nos últimos quatro anos.

**Quadro 01 - Secretários de Estado e Secretários de Defesa que serviram durante governo Trump**

Secretários de Estado	Secretários de Defesa
<p><b>Rex Tillerson</b></p> <p>Trump anunciou a seleção de Rex Tillerson, CEO da ExxonMobil como Secretário de Estado em 12 de dezembro de 2016.</p> <p>Em 13 de março de 2018 Trump anunciou a demissão de Tillerson pelo Twitter.</p>	<p><b>James Mattis</b></p> <p>Trump anunciou a seleção do General Mattis como Secretário de Defesa em 01 de dezembro de 2016.</p> <p>Em 20 de dezembro de 2018, o secretário Mattis anunciou sua intenção de renunciar no final de fevereiro de 2019. A saída formal ocorreu em 01 de janeiro de 2019.</p>
<p><b>John Sullivan (interino)</b></p> <p>Atuou como Secretário interino de 01 de abril de 2018 até 26 de abril de 2018.</p>	<p><b>Patrick Shanahan (interino)</b></p> <p>Atuou como Secretário interino de 01 de janeiro até 23 de junho de 2019. A Casa Branca chegou a anunciar a intenção de nomear Shanahan como Secretário de Defesa em caráter permanente, mas Shanahan desiste do cargo, citando questões familiares.</p>

Secretários de Estado	Secretários de Defesa
<p><b>Mike Pompeo</b></p> <p>Em 13 de março de 2018, Trump anunciou a nomeação do então Diretor da CIA Mike Pompeo para a função.</p> <p>Pompeu seguiu no cargo até o fim da gestão Trump.</p>	<p><b>Mark Esper (interino)</b></p> <p>Em 23 de julho de 2019, Trump nomeou Mark Esper como Secretário interino.</p> <p>Em 09 de novembro de 2020, Esper foi removido do cargo após desentendimentos com o presidente.</p>
	<p><b>Christopher C. Miller (interino)</b></p> <p>Miller atuou como Secretário interino de 09 de novembro de 2020 até o fim da gestão Trump.</p>

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com Drezner (2019b), Trump buscou concentrar poderes em política externa, atacando, por muitas vezes, especialistas da área e preferido agir de acordo com sua intuição. Governou, nas palavras do autor, com “acessos de raiva”, insultando e intimidando aliados e tomou medidas “controversas e contraproducentes”. Com isso, estaria deixando ao próximo presidente dos Estados Unidos: 1) o desafio de reverter medidas; 2) interromper a retórica hostil contra parceiros de longa data; e 3) encerrar os ataques ao sistema comercial mundial. Além disso, Trump deixaria também um legado de polarização política, que, para Drezner, corroeu a noção de que os presidentes precisam governar de forma moderada, ao centro.

Abaixo reunimos, sobretudo com base em materiais produzidos pelo *Council on Foreign Relations* (CFR), um resumo das principais questões que envolveram a diplomacia do governo Trump. O **Quadro 02** versa sobre o relacionamento no que tange a acordos, tratados e organizações internacionais.

## Quadro 02 - Acordos, Tratados e Organizações Internacionais no governo Trump

<b>Acordo de Paris</b>	<p>Em 01 de junho de 2017, Trump anunciou formalmente que os Estados Unidos se retirariam do “Acordo Climático de Paris”, firmado por Obama em 2015. O presidente criticou o pacto, segundo o qual os Estados Unidos teriam voluntariamente limitado suas emissões de carbono. Ele alegou que o acordo restringia a soberania dos Estados Unidos, prejudicava os trabalhadores norte-americanos e a economia do país.</p>
<b>NAFTA</b>	<p>No dia 18 de maio de 2017, Robert Lighthizer, autoridade de Comércio do governo, notificou o Congresso sobre a intenção da Casa Branca de modernizar o “Acordo de Livre Comércio da América do Norte” (NAFTA). A intenção era renegociar os termos do acordo junto ao Canadá e ao México, a fim de discutir o déficit comercial dos Estados Unidos. Seriam objeto de debate o comércio de bens, a eliminação de subsídios considerados injustos, a restauração de empregos na indústria e a diminuição das restrições à propriedade intelectual.</p> <p>Em 30 de setembro de 2018, Estados Unidos, Canadá e México estabeleceram uma série de mudanças no NAFTA, renomeando-o como “Acordo Estados Unidos-México-Canadá”. O acordo comercial contou com novas estipulações trabalhistas, proteções mais fortes para a propriedade intelectual dos Estados Unidos e novas regras para a indústria automotiva, incluindo normas de origem e aumentos de salário mínimo que beneficiam os fabricantes norte-americanos.</p>
<b>ONU/OMS</b>	<p>Retirada do Conselho de Direitos Humanos (CDH) da ONU: em 19 junho de 2018, a Embaixadora Nikki Haley anunciou que os Estados Unidos se retirariam do CDH, citando “um preconceito crônico contra Israel” e abusos dos direitos humanos de vários membros titulares, que incluem China e Venezuela.</p> <p>Aviso de retirada da Organização Mundial da Saúde (OMS): em 06 de julho de 2020, o governo Trump notificou formalmente as Nações Unidas de que os Estados Unidos romperiam os laços com a OMS, a partir de julho de 2021. Trump já havia acusado a agência da ONU de “enganar o mundo sobre a ameaça do COVID-19 sob pressão da China”. Ele também já havia se manifestado sobre financiamento da organização e os Estados Unidos já haviam se recusado a aderir a uma iniciativa global liderada pela OMS, conhecida como <i>COVID-19 Vaccine Global Access Facility</i> (COVAX Facility), para desenvolver, fabricar e distribuir uma vacina COVID-19.</p>
<b>OTAN</b>	<p>Em maio de 2017, durante viagem à Europa, Trump se dirigiu aos chefes de estado e de governo da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), conclamando-os a “finalmente contribuir com sua parte” para a aliança.</p> <p>Em 29 de julho de 2020, o Secretário de Defesa, Mark T. Esper disse que os Estados Unidos planejavam retirar cerca de 12 mil soldados estacionados na Alemanha - cerca de um terço do total da força americana lá. O Chefe do Comando Europeu dos Estados Unidos também anunciou que o quartel-general seria realocado de Stuttgart para Mons, na Bélgica. Esper disse que as medidas fortaleceriam a OTAN, aumentariam os esforços para deter a Rússia e aumentariam a flexibilidade estratégica. Trump disse que se tratava de uma resposta à Alemanha por não cumprir seus compromissos financeiros com a OTAN.</p>
<b>TPP</b>	<p>No dia 23 de janeiro de 2017 Trump instruiu o Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos a retirar o país da Parceria Trans-Pacífico (TPP), um acordo comercial de doze países com foco na Ásia, que havia sido negociado pela administração de Barack Obama.</p>

Fonte: CFR<sup>3</sup>, compilação e tradução nossas.

3. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. Acesso em: 05/01/21.

O **Quadro 03**, na sequência, reúne as principais medidas relacionadas à política de imigração.

### Quadro 03 - Política de Imigração no governo Trump

<p><b>Proibição de viagens</b></p>	<p>Em 27 de janeiro de 2017, o presidente assinou uma ordem executiva proibindo cidadãos de seis países de maioria muçulmana de viajar aos Estados Unidos por 90 dias. A ordem, posteriormente alterada para incluir mais dois países, também congelava indefinidamente a entrada de refugiados da Síria. Dias depois, um juiz federal do estado de Washington bloqueou parte da ordem, iniciando uma série de contestações judiciais. Trump assinou duas outras ordens executivas relativas à imigração: uma direcionando fundos para a construção de um muro ao longo da fronteira com o México, e outra impedindo que as chamadas “cidades-santuário” recebessem subsídios federais.</p>
<p><b>Dissolução do DACA</b></p>	<p>Em setembro de 2017, Trump e o procurador-geral Jeff Sessions anunciaram que o programa <i>Deferred Action for Childhood Arrivals</i> (DACA), implementado durante o governo Obama começaria a ser encerrado em seis meses, deixando aproximadamente 800.000 beneficiários vulneráveis à deportação. Trump encorajou o Congresso a legislar um plano substituo para o DACA, mas não houve avanços substantivos nessa matéria.</p>
<p><b>Fechamento de fronteiras</b></p>	<p>Em maio de 2018, o presidente instituiu uma política geral de “tolerância zero”, que resultou na patrulha da fronteira dos Estados Unidos e na separação de mais de 2.600 crianças de seus pais. A política foi revertida meses depois, em agosto, após causar polêmicas. Em resposta ao aumento no número de requerentes de asilo da América Central, Trump enviou 5.000 soldados para “endurecer a fronteira sul”.</p>
<p><b>Muro na fronteira com o México</b></p>	<p>Em 25 de janeiro de 2019, uma disputa com o Congresso sobre a demanda de Trump por US\$ 5,7 bilhões para construir um muro ao longo da fronteira sul dos Estados Unidos terminou após uma paralisação do governo federal por 35 dias, a mais longa de todos os tempos. Quando o Congresso rejeitou o pedido de financiamento, o presidente declarou emergência nacional, permitindo que ele desviasse recursos de outras fontes, incluindo militares. Trump emitiu seu primeiro veto para bloquear uma resolução do Congresso que teria impedido tal decisão.</p>
<p><b>Mudando regras de asilo</b></p>	<p>Em julho de 2019, Trump anunciou um acordo com a Guatemala que exigiria que requerentes de asilo permanecessem por lá, em vez de esperarem nos Estados Unidos enquanto seus pedidos fossem processados. O acordo foi contestado no tribunal da Guatemala, mas acordos semelhantes com El Salvador e Honduras logo foram anunciados. As medidas vieram depois que Trump emitiu novas regras para os requerentes de asilo no México. Trump também usou a ameaça de tarifas para pressionar o México a intensificar seus próprios esforços de segurança de fronteira.</p>
<p><b>Plano para refugiados</b></p>	<p>Em 30 de setembro de 2020, o Departamento de Estado norte-americano anunciou um plano para reduzir as admissões de refugiados a um máximo de 15.000 pessoas no ano fiscal de 2021, o nível mais baixo em quatro décadas. Ele priorizou a segurança e o bem-estar dos norte-americanos em meio à pandemia, entre outros fatores, como um motivo para a mudança. A resposta de Trump ao novo coronavírus reforçou sua política de imigração restritiva. Desde março, o governo suspendeu temporariamente o reassentamento de refugiados, efetivamente fechou o sistema de asilo e bloqueou muitos vistos de trabalhadores estrangeiros e <i>green cards</i>.</p>

Fonte: CFR<sup>4</sup>, compilação e tradução nossas.

4. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. Acesso em: 05/01/21.

Partindo para as realizações em termos de política bilateral, o próximo material, disposto no **Quadro 04**, por sua vez, compila todas as viagens internacionais feitas pelo presidente Trump ao longo de seu mandato e os principais encontros de que participou.

#### Quadro 04 - Viagens internacionais do presidente Trump

Data	País	Resumo
20-22 de maio/2017	Arábia Saudita	Encontrou-se com o rei Salman e líderes muçulmanos na Cúpula de Riad. Assinou um acordo de US\$110 bilhões em armas com a Arábia Saudita, e foi homenageado com o colar de Abdulaziz Al Saud.
22-23 de maio/2017	Israel	Encontrou-se com o presidente Reuven Rivlin e o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. Visitou o Muro das Lamentações e a Igreja do Santo Sepulcro. Visitou o Yad Vashem e fez um discurso no Museu de Israel.
23 de maio/2017	Cisjordânia	Encontrou-se com o presidente palestino Mahmoud Abbas.
23-24 de maio/2017	Itália	Encontrou-se com o presidente Sergio Mattarella e o primeiro-ministro Paolo Gentiloni.
24 de maio/2017	Vaticano	Encontrou-se com o Papa Francisco.
24-25 de maio/2017	Bélgica	Encontrou-se com o rei Philippe e o primeiro-ministro Charles Michel. Participou da 28ª cúpula da OTAN e da Reunião de Cúpula Estados Unidos-União Europeia. Reuniu-se com o presidente francês Emmanuel Macron.
25-27 de maio/2017	Itália	Participou da 43ª cúpula do G7. Realizou reunião bilateral com o primeiro-ministro japonês Shinzō Abe.
5-6 de julho/2017	Polônia	Encontrou-se com o presidente Andrzej Duda e a presidente croata Kolinda Grabar-Kitarovic. Participou da 2ª cúpula da "Iniciativa dos Três Mares". Fez um discurso para homenagear as vítimas da ocupação nazista e do domínio comunista na Polônia.
6-8 de julho/2017	Alemanha	Participou da cúpula do G-20. Teve reuniões bilaterais com a primeira-ministra britânica Theresa May, o presidente chinês Xi Jinping, a chanceler alemã Angela Merkel, o presidente indonésio Joko Widodo, o primeiro-ministro japonês Shinzō Abe, o presidente mexicano Enrique Peña Nieto, o presidente russo Vladimir Putin e o primeiro-ministro de Singapura Lee Hsien Loong.
13-14 de julho/2017	França	Encontrou-se com o presidente Emmanuel Macron. Participou das celebrações relacionadas ao dia da Bastilha e ao 100º aniversário da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial.
5-7 de novembro/2017	Japão	Encontrou-se com o Imperador Akihito e o primeiro-ministro Shinzō Abe.
7-8 de novembro/2017	Coréia do Sul	Encontrou-se com o presidente sul-coreano Moon Jae-in, e discursou na Assembleia Nacional sul-coreana. Também se reuniu com tropas do Exército dos Estados Unidos em Camp Humphreys.



<b>Data</b>	<b>País</b>	<b>Resumo</b>
8-10 de novembro/2017	China	Encontro com o presidente Xi Jinping e o primeiro-ministro Li Keqiang.
10-12 de novembro/2017	Vietnã	Encontrou-se com o presidente Trần Đại Quang, o primeiro-ministro Nguyễn Xuân Phúc e o secretário-geral do Partido Comunista Nguyễn Phú Trọng. Participou da APEC no Vietnã.
12-14 de novembro/2017	Filipinas	Participou da 31ª Cúpula da ASEAN. Encontrou-se com o presidente Rodrigo Duterte.
25-26 de janeiro/2018	Suíça	Participou do Fórum Econômico Mundial. Também teve reuniões com a primeira-ministra britânica Theresa May e o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu.
8-9 de junho/2018	Canadá	Participou do 44º encontro do G7. Também teve reuniões bilaterais com o primeiro-ministro canadense Trudeau e o presidente francês Macron.
0-12 de junho/2018	Singapura	Participou reunião de cúpula com o presidente norte-coreano Kim Jong-un. Encontrou-se com o primeiro-ministro de Singapura, Lee Hsien Loong.
10-12 de julho/2018	Bélgica	Participou da 29ª cimeira da OTAN. Também teve reuniões bilaterais com o secretário-geral da OTAN Jens Stoltenberg, o presidente francês Emmanuel Macron e a chanceler alemã Angela Merkel.
12-15 de julho/2018	Reino Unido	Encontrou-se com a Rainha Elizabeth II e a primeira-ministra Theresa May.
15-16 de julho/2018	Finlândia	Participou de uma reunião de cúpula com o presidente russo, Vladimir Putin. Também se reuniu com o presidente Sauli Niinistö.
9-11 de novembro/2018	França	Encontrou-se com o presidente Emmanuel Macron. Participou das celebrações do dia do Armistício, marcando o 100º aniversário do Armistício com a Alemanha.
29 de novembro a 1 de dezembro/2018	Argentina	Participou da cúpula do G-20. Teve reuniões com o presidente argentino Mauricio Macri, o primeiro-ministro australiano Scott Morrison, o presidente chinês Xi Jinping, a chanceler alemã Angela Merkel, o primeiro-ministro indiano Narendra Modi, o primeiro-ministro japonês Shinzō Abe, o presidente sul-coreano Moon Jae-in e o presidente turco Recep Tayyip Erdoğan.
26-28 de fevereiro/2019	Vietnã	Participou de uma reunião de cúpula com o líder norte-coreano Kim Jong-un. Também se reuniu com o secretário-geral e presidente Nguyễn Phú Trọng e o primeiro-ministro Nguyễn Xuân Phúc do Vietnã.
25-28 de maio/2019	Japão	Encontrou-se com o Imperador Naruhito e o primeiro-ministro Shinzō Abe.
3-5 de junho/2019	Reino Unido	Encontrou-se com a Rainha Elizabeth II e a primeira-ministra Theresa May. Participou do 75º aniversário das cerimônias comemorativas do Dia D.
6 de junho/2019	França	Encontrou-se com o presidente Emmanuel Macron. Compareceu ao 75º aniversário das cerimônias memoriais do Dia D. Visitou o Cemitério e Memorial Americano da Normandia.

<b>Data</b>	<b>País</b>	<b>Resumo</b>
27-29 de junho/2019	Japão	Participou da cúpula do G-20. Também teve reuniões bilaterais com o primeiro-ministro australiano Scott Morrison, o presidente brasileiro Jair Bolsonaro, o presidente chinês Xi Jinping, a chanceler alemã Angela Merkel, o primeiro-ministro indiano Narendra Modi, o primeiro-ministro japonês Shinzō Abe, o príncipe herdeiro saudita Mohammad Bin Salman, o presidente turco Recep Tayyip Erdoğan e o presidente russo Vladimir Putin.
29-30 de junho/2019	Coréia do Sul	Encontrou-se com o presidente Moon Jae-in. Visitou a Zona Desmilitarizada Coreana. Participou da Cúpula Coréia-Estados Unidos com o presidente Moon e o presidente norte-coreano Kim Jong-un. Visitou as tropas americanas na Base Aérea de Osan.
30 de junho/2019	Coréia do Norte	Entrou brevemente no lado norte da Área de Segurança Conjunta da Zona Desmilitarizada Coreana, acompanhado pelo presidente norte-coreano Kim Jong-un, tornando-se o primeiro presidente dos Estados Unidos a fazê-lo.
24-26 de agosto/2019	França	Participou da 45ª cúpula do G7. Também realizou reuniões bilaterais com o primeiro-ministro australiano Scott Morrison, o primeiro-ministro britânico Boris Johnson, o primeiro-ministro canadense Justin Trudeau, o presidente egípcio Abdel Fattah el-Sisi, o presidente francês Emmanuel Macron, a chanceler alemã Angela Merkel, o primeiro-ministro indiano Narendra Modi e o primeiro-ministro japonês Shinzō Abe.
28 de novembro/2019	Afeganistão	Visitou militares dos Estados Unidos servindo no leste do Afeganistão. Também se reuniu com o presidente Ashraf Ghani.
2-4 de dezembro/2019	Reino Unido	Participou da 30ª Cúpula da OTAN. Encontrou-se com a Rainha Elizabeth II e o primeiro-ministro Boris Johnson. Também teve reuniões bilaterais com o primeiro-ministro canadense Justin Trudeau, a primeira-ministra dinamarquesa Mette Frederiksen, o presidente francês Emmanuel Macron, a chanceler alemã Angela Merkel e o primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte.
21-22 de janeiro/2020	Suíça	Participou do Fórum Econômico Mundial. Realizou reuniões com a presidente da Comissão Europeia Ursula von der Leyen, o presidente iraquiano Barham Salih, o presidente curdo iraquiano Nechirvan Barzani, o primeiro-ministro paquistanês Imran Khan e a presidente da suíça Simonetta Sommaruga.
24-25 de fevereiro/2020	Índia	Discursou no evento "Namaste Trump" com o primeiro-ministro Narendra Modi. Visitou o Sabarmati Ashram de Mahatma Gandhi e o Taj Mahal. Recebeu as boas-vindas formais do Presidente Ram Nath Kovind no Palácio Presidencial Rashtrapati Bhavan. Conduziu uma série de reuniões com Modi e outros funcionários do governo, bem como executivos de negócios indianos.

Fonte: Office of the Historian.state.gov, adaptação e tradução nossas<sup>5</sup>.

5. Material original disponível em: <https://history.state.gov/departmenthistory/travels/president/trump-donald-j>. Acesso em 05/01/21.

Na sequência, por meio dos **Quadros 05 a 13**, resumimos as ações, decisões e políticas no trato com países considerados centrais para a agenda do governo Trump: China, Coreia do Norte, Cuba, Israel/Palestina/Emirados Árabes Unidos, México, Rússia, Síria e Venezuela.

### Quadro 05 - Relações com a China

Logo após assumir o cargo, em fevereiro de 2017, o presidente Donald Trump diz que honrará a *One China Policy* em uma ligação com o presidente chinês Xi Jinping. O então Secretário de Estado Rex Tillerson, em visita a Pequim em março, descreveu a relação bilateral como “construída sobre o não-confronto, sem conflito, com base no respeito mútuo e sempre na busca de soluções ganha-ganha”.

Em abril de 2017, após uma cúpula de dois dias na propriedade de Mar-a-Lago, na Flórida, com Xi Jinping, em que o comércio bilateral e a Coreia do Norte estavam no topo da agenda, Trump declarou “um tremendo progresso” no relacionamento entre os países. Xi citou um “entendimento aprofundado e maior construção de confiança”. Em meados de maio, o Secretário de Comércio dos Estados Unidos, Wilbur Ross, revelou um acordo de dez partes entre Pequim e Washington para expandir o comércio de produtos e serviços, incluindo setores como carne bovina, aves e pagamentos eletrônicos. Ross descreveu a relação bilateral como tendo “atingido um novo recorde”, embora os países não tratem de questões comerciais mais controversas, incluindo alumínio, peças de automóveis e aço.

Em março de 2018, o governo Trump anunciou tarifas amplas sobre as importações chinesas, no valor de pelo menos US\$ 50 bilhões, em resposta ao que a Casa Branca alega ser “o roubo chinês de tecnologia e propriedade intelectual dos Estados Unidos”. Vindo na esteira das tarifas sobre as importações de aço e alumínio, as medidas visavam bens como roupas, calçados e eletrônicos e restringiam alguns investimentos chineses nos Estados Unidos. Como resposta, a China impôs medidas retaliatórias a uma série de produtos norte-americanos, alimentando as preocupações de uma guerra comercial entre as maiores economias do mundo. A medida marcou um endurecimento da abordagem do presidente Trump para a China após cúpulas de alto nível com o presidente Xi.

Em julho de 2018, o governo Trump impôs novas tarifas à produtos chineses, totalizando US\$ 34 bilhões. Mais de 800 produtos chineses nos setores industrial e de transporte, bem como televisores e dispositivos médicos, enfrentaram um imposto de importação de 25%. A China retaliou com suas próprias tarifas sobre mais de 500 produtos norte-americanos. A represália foi avaliada em cerca de US\$ 34 bilhões, tem como alvos principais *commodities*.

Em 04 de outubro de 2018, o vice-presidente Mike Pence faz um discurso que marca o endurecimento da posição dos Estados Unidos. Pence diz que os Estados Unidos priorizarão a competição em relação à cooperação, usando tarifas para combater “agressões econômicas”. Ele também condenou o que chamou de “crescente agressão militar chinesa”, especialmente no Mar da China Meridional, bem como o aumento da censura e da perseguição religiosa por parte do governo chinês. Acusou a China de roubar propriedade intelectual norte-americana e interferir nas eleições dos Estados Unidos. O Ministério das Relações Exteriores da China denunciou o discurso de Pence como “acusações infundadas” e alertou que tais ações poderiam prejudicar os laços bilaterais.

Em 01 de dezembro de 2018, Meng Wanzhou, o diretor financeiro da empresa chinesa de telecomunicações e eletrônicos Huawei, foi preso no Canadá a pedido dos Estados Unidos. O Departamento de Justiça dos Estados Unidos alegou que Huawei e Meng violaram sanções comerciais contra o Irã e cometeram fraude, solicitando sua extradição. Em aparente retaliação, a China deteve dois cidadãos canadenses, que as autoridades acusam de minar a segurança nacional da China. Chamando a prisão de Meng de um "incidente político sério", as autoridades chinesas exigiram sua libertação imediata.

Em meio a processos judiciais contra Meng, a Huawei processou os Estados Unidos em 06 de março de 2019. Em uma batalha com Pequim pela supremacia tecnológica, o governo Trump lança uma campanha agressiva alertando outros países para não usarem equipamentos Huawei para construir redes 5G, alegando que o governo chinês poderia usar a empresa para espionagem.

Em maio de 2019, após o fracasso das negociações comerciais, o governo Trump aumentou as tarifas de 10% para 25% sobre US\$ 200 bilhões em produtos chineses. A China retaliou anunciando planos para aumentar as tarifas sobre produtos americanos no valor de US\$ 60 bilhões. Dias depois, o governo Trump proibiu empresas norte-americanas de usar equipamentos de telecomunicações de fabricação estrangeira que possam ameaçar a segurança nacional, uma medida que se acredita ter como alvo a Huawei. O Departamento de Comércio dos Estados Unidos também adicionou a Huawei à sua lista negra de entidades estrangeiras.

Em 05 de agosto de 2018, depois que o banco central da China permitiu que o yuan enfraquecesse significativamente, o governo Trump designou a China como manipuladora da moeda. A designação, aplicada à China pela primeira vez desde 1994, é principalmente simbólica, mas ocorre menos de uma semana depois que Trump anunciou tarifas mais altas sobre US\$ 300 bilhões em mercadorias. Pequim considerou que a designação "desencadeará turbulência no mercado financeiro".

No dia 29 de novembro de 2019, Trump assinou um projeto de lei em apoio aos manifestantes de Hong Kong. A legislação autoriza os Estados Unidos a punir indivíduos responsáveis por abusos de direitos humanos em Hong Kong. As autoridades chinesas condenaram a medida, impondo sanções a várias organizações sediadas nos Estados Unidos.

Em 15 de janeiro de 2020 a "Primeira Fase" de um acordo comercial é assinada entre os dois países. Trata-se de um avanço na guerra comercial de quase dois anos. O acordo relaxa algumas tarifas dos Estados Unidos sobre as importações chinesas e compromete a China a comprar mais US\$ 200 bilhões em produtos norte-americanos, incluindo produtos agrícolas e carros, ao longo de dois anos. A China também se compromete a aplicar proteções à propriedade intelectual. Mas o acordo mantém a maioria das tarifas e não menciona os extensos subsídios do governo chinês, uma preocupação de longa data dos Estados Unidos. Dias antes da assinatura, os Estados Unidos abandonaram a designação da China como manipuladora da moeda.

Em fins de janeiro de 2020 as tensões aumentam em meio à pandemia do coronavírus. A administração Trump impede que todos os cidadãos não americanos que visitaram recentemente a China continental entrem nos Estados Unidos em meio a um surto de um novo coronavírus relatado pela primeira vez na cidade chinesa de Wuhan. As principais autoridades da China e dos Estados Unidos culpam o outro lado pela pandemia. Um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores chinês afirma sem evidências que os militares dos Estados Unidos trouxeram o vírus para a China, enquanto o presidente Trump faz repetidas referências ao "vírus chinês", que ele diz ter se espalhado por causa de falhas do governo chinês. Em abril, as principais autoridades dos dois países mudam o tom, destacando áreas para cooperação em meio à crise. Ainda assim, Trump acusa a OMS de ser tendenciosa para a China e interrompe o financiamento dos Estados Unidos para a organização.

Em 18 de março de 2020 a China expulsa jornalistas americanos de New York Times, Wall Street Journal e Washington Post. Pequim também exige que esses veículos, assim como o TIME e Voice of America, compartilhem informações com o governo sobre suas operações na China. O Ministério das Relações Exteriores da China afirma que as medidas são uma resposta à decisão do governo dos Estados Unidos no início do ano de limitar o número de jornalistas chineses de cinco meios de comunicação estatais nos Estados Unidos para 100, contra 160.

Em 14 de julho de 2020 Trump encerra o status especial de Hong Kong.

Em julho de 2020, os Estados Unidos ordenaram que a China fechasse seu consulado em Houston, no Texas, alegando que ele era um centro de espionagem e roubo de propriedade intelectual. A China condenou a ordem e retaliou fechando o consulado dos Estados Unidos em Chengdu. Na mesma semana, Washington acusou dois hackers chineses por supostamente roubarem pesquisas de vacinas contra o coronavírus e pune onze empresas chinesas por seu papel em abusos de direitos humanos em Xinjiang. Enquanto isso, o ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, culpa os Estados Unidos pelas tensões.

No dia 23 de julho de 2020, o Secretário de Estado Mike Pompeo afirma que o envolvimento com a China falhou. Ele declarou que a era do envolvimento com o Partido Comunista Chinês havia acabado, condenando práticas comerciais desleais, roubo de propriedade intelectual, abusos dos direitos humanos em Xinjiang e Hong Kong e movimentos agressivos nos mares do leste e sul da China. Ele conclamou os cidadãos chineses e as democracias do mundo a pressionarem Pequim a mudar seu comportamento e respeitar a ordem internacional baseada em regras.

Entre novembro e dezembro de 2020 o governo Trump aumenta a pressão à medida que a transição se aproxima. O Diretor de Inteligência Nacional John Ratcliffe chama a China de “a maior ameaça para a América hoje”, enquanto o Departamento de Comércio adiciona dezenas de empresas chinesas, incluindo a maior fabricante de chips do país, a Semiconductor Manufacturing International Corporation (SMIC), à sua lista negra comercial. O Departamento de Estado endurece as regras de visto para cerca de noventa milhões de membros do Partido Comunista Chinês. Também sanciona novas autoridades chinesas, incluindo quatorze membros do corpo legislativo da China, por abusos em Hong Kong, Xinjiang e em outros lugares. Além disso, a Casa Branca proíbe os investimentos dos Estados Unidos em empresas chinesas que diz ter ligações com o Exército de Libertação do Povo. As autoridades chinesas prometem retaliação contra essas e outras ações tomadas pelo governo Trump.

Fonte: CFR<sup>6</sup>, compilação e tradução nossas.

## Quadro 06 - Relações com a Coreia do Norte

Em 08 de agosto de 2017, depois que Pyongyang sugerir lançar mísseis balísticos nas águas ao redor da ilha de Guam, Trump diz que a Coreia do Norte enfrentará “fogo e fúria” se continuar com as ameaças. A observação iniciou discussões retóricas hostis que culminaram com o líder norte-coreano Kim Jong-un insultando Trump.

Em 18 de março de 2018, Trump aceitou o convite de Kim Jong-un para se encontrar naquela que seria a primeira cúpula entre um presidente dos Estados Unidos em exercício e um líder norte-coreano. O Conselheiro de Segurança Nacional da Coreia do Sul, Chun Eui-yong, em Washington, D.C., anunciou a decisão de Trump de aceitar o convite. O governo Trump disse que a cúpula seria uma oportunidade para discutir a desnuclearização da Coreia do Norte.

6. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-relations-china>. Acesso em: 05/01/21.

Em 12 de junho de 2018 Trump e Kim se encontraram em Singapura. Uma declaração conjunta intencionava uma que migraria do confronto à cooperação, mas estabeleceu poucos meios para fazer cumprir seus compromissos ambiciosos, que incluíam a “desnuclearização completa” da Península Coreana.

Em 30 de junho de 2019, Trump se tornou o primeiro presidente dos Estados Unidos a colocar os pés na Coreia do Norte, cruzando a Zona Desmilitarizada para um breve encontro com Kim Jong-un. Ainda assim nenhum dos lados ofereceu concessões concretas e a Coreia do Norte logo retomou os testes de mísseis.

Fonte: CFR<sup>7</sup>, compilação e tradução nossas.

## Quadro 07 - Relações com Cuba

Em 16 de junho de 2017, o presidente Donald Trump anunciou que restabeleceria as restrições às viagens de norte-americanos à Cuba e aos negócios dos Estados Unidos, mas não romperia as relações diplomáticas com o país. Ele alegou que as restrições afrouxadas do governo Obama “não ajudam o povo cubano - elas apenas enriquecem o regime cubano”.

Em 29 de setembro do mesmo ano, o Departamento de Estado anunciou que retiraria a maioria dos funcionários da Embaixada dos Estados Unidos em Havana depois que diplomatas e pessoal de inteligência desenvolveram misteriosos problemas de saúde, incluindo perda de audição e tortura. Dias depois, expulsou quinze diplomatas cubanos dos Estados Unidos.

Em 19 de abril de 2018, a Assembleia Nacional cubana elege por unanimidade Miguel Díaz-Canel, como primeiro vice-presidente e sucessor escolhido por Raul Castro como presidente de Cuba. Castro, que anunciou em 2013 que não buscaria a reeleição ao final do segundo mandato, diz que permanecerá à frente do Partido Comunista até 2021, uma medida que preserva sua influência política. A transição marca a primeira vez nos sessenta anos desde a revolução que a ilha não é governada por um Castro.

Em um discurso feito no dia 01 de novembro de 2018 sobre a política dos Estados Unidos na América Latina, o Conselheiro de Segurança Nacional John Bolton rotulou Cuba, Nicarágua e Venezuela de “Troika da Tirania”, culpando-os por abusos de direitos humanos, e por causar instabilidade regional ao abraçar o comunismo. O discurso de Bolton marca uma virada na política do governo Trump em relação à ilha e logo anuncia uma onda de sanções destinadas a penalizar Cuba e enfraquecer seus laços com a Venezuela. Trump permite certos processos contra empresas que se beneficiam de propriedades confiscadas pelo governo de Cuba. Também restringe o acesso à Cuba, proibindo viagens educacionais em grupo, cruzeiros e reduzindo voos diretos. Apesar da pressão dos Estados Unidos, Cuba continua sendo um dos aliados mais próximos da Venezuela.

Fonte: CFR<sup>8</sup>, compilação e tradução nossas.

7. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. Acesso em: 05/01/21.

8. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-cuba-relations>. Acesso em: 05/01/21.

## Quadro 08 - Relações com o Irã

Em maio de 2018, o presidente Trump anunciou que os Estados Unidos se retirariam do Joint Comprehensive Plan of Action (JCPOA) e organizariam uma campanha de sanções para colocar “pressão máxima” no Irã. O Irã responde aumentando o enriquecimento de urânio e desafiando os termos do acordo. A retirada marca o início de uma escalada retórica e militar com o Irã sob o governo Trump.

Em 15 de abril de 2019, Trump designou o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (IRGC) - um ramo do exército iraniano - como uma organização terrorista estrangeira (FTO). É a primeira vez que os Estados Unidos designam parte do governo de outro país como FTO. Uma semana antes, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu tuíta que ele pessoalmente solicitou a mudança.

Em 13 de junho de 2019, dois petroleiros foram atacados perto do Estreito de Ormuz, cerca de um mês depois que quatro navios comerciais foram danificados na mesma área. Os Estados Unidos culpam o Irã pelos ataques, com Trump chamando o país de “uma nação do terror”. Os Estados Unidos anunciam o envio de mil soldados adicionais ao Oriente Médio em resposta, e o IRGC abate um drone de vigilância dos EUA dois dias depois. Os Estados Unidos novamente culpam o Irã pelos ataques a petroleiros na região nos meses seguintes e tentam apreender um navio iraniano que navegava perto do território britânico de Gibraltar.

Em 14 de setembro de 2019, drones atacaram as instalações de petróleo da Saudi Aramco, controlada pelo estado, no leste da Arábia Saudita. O ataque atingiu o segundo maior campo de petróleo do país e um centro de estabilização. O ataque interrompeu metade da produção de petróleo do país e causou um salto sem precedentes nos preços do petróleo tipo Brent. Trump aprovou o envio de tropas norte-americanas para reforçar as defesas aéreas e de mísseis sauditas a pedido do reino. Os rebeldes hutis do Iêmen, apoiados pelo Irã, assumiram a responsabilidade pelo ataque, citando a intervenção saudita na guerra civil do Iêmen. Estados Unidos e a Arábia Saudita culpam o Irã.

Em fins de dezembro de 2019, manifestantes iraquianos e milícias apoiadas pelo Irã tentaram atacar a embaixada dos Estados Unidos em Bagdá em retaliação a um ataque aéreo que matou membros da milícia. Os manifestantes gritavam “morte à América” e exigiam que os Estados Unidos retirassem suas tropas do Iraque. Em resposta, o presidente Trump tuitou que o Irã pagaria “um preço muito alto” por quaisquer vidas perdidas ou danos ocorridos nas instalações dos Estados Unidos.

Em 03 de janeiro de 2020, os Estados Unidos mataram Qasem Soleimani, comandante da Força Quds de elite do IRGC, com um ataque de drones em Bagdá. Soleimani foi considerado por alguns especialistas como a segunda pessoa mais poderosa do Irã, depois do líder supremo Ali Khamenei. O líder da milícia iraquiana Abu Mahdi al-Muhandis também foi morto, junto com outros sete cidadãos iranianos e iraquianos. O Irã prometeu vingança e anunciou que não iria mais se comprometer com as restrições do acordo nuclear. Logo depois, o Irã disparou por engano contra um avião de passageiros ucraniano, pois as forças iranianas estavam em alerta máximo para possíveis ataques dos Estados Unidos. Posteriormente, o Irã ataca várias bases dos norte-americanos no Iraque, ferindo dezenas de militares dos Estados Unidos e do Iraque.

Em 22 de abril de 2020, o Irã lançou seu primeiro satélite militar, alertando os Estados Unidos sobre a capacidade de mísseis iranianos de longo alcance. Dias depois, o secretário de Estado Mike Pompeo disse que os Estados Unidos ainda fazem parte do JCPOA e buscariam revogar as sanções multilaterais contra o Irã por meio de uma resolução do Conselho de Segurança. Os oponentes da medida, incluindo a Rússia, signatária do JCPOA, argumentaram que os Estados Unidos abandonaram os termos do acordo quando o governo Trump impôs sanções ao Irã. Os barcos iranianos passaram a ameaçar os navios da Marinha dos Estados Unidos no Golfo Pérsico, mas os norte-americanos não respondem militarmente.

Em maio de 2020, em meio a uma escassez na Venezuela, petroleiros iranianos chegam para entregar petróleo, apesar das sanções dos Estados Unidos aos dois países. Em junho, a Casa Branca sancionou cinco capitães de navios iranianos envolvidos na entrega para desencorajar o comércio entre os dois países.

Fonte: CFR<sup>9</sup>, compilação e tradução nossas.

## **Quadro 09 - Relações com Israel, Palestina e o acordo com os Emirados Árabes Unidos**

Em 20 de maio de 2017 Trump faz viagem internacional, passando por Israel, Palestina e Arábia Saudita. Em dezembro do mesmo ano, Trump rompe com a tradição política dos Estados Unidos no conflito israelense-palestino ao reconhecer Jerusalém como a capital de Israel. Ele justifica a mudança como um reconhecimento da realidade de que Jerusalém é a sede do governo de Israel.

Depois de reconhecer Jerusalém como a capital de Israel, em 14 de maio de 2018 a administração Trump transferiu a embaixada dos Estados Unidos de Tel Aviv para Jerusalém. O movimento incomodou aliados árabes e ocidentais e colocou em questão a neutralidade de Washington como mediador no processo de paz israelense-palestino.

Em 28 de janeiro de 2020, em uma aparição conjunta na Casa Branca, Trump e o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu anunciaram um novo plano para encerrar décadas de conflito israelense-palestino. Analistas disseram que o acordo, desenvolvido sem contribuição palestina, favorecia Israel ao conceder-lhe grandes porções da Cisjordânia e Jerusalém, e enfraquecia o apoio de longa data dos Estados Unidos a um estado palestino totalmente autônomo. Os líderes palestinos rejeitaram categoricamente a proposta, que foi contestada pela maioria dos países árabes e recebida de forma ambivalente pelos países europeus.

No dia 15 de setembro de 2020, em uma cerimônia na Casa Branca, o primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu assinou acordos mediados pelos Estados Unidos para normalizar as relações com Bahrein e os Emirados Árabes Unidos, incluindo o estabelecimento de embaixadas e a abertura de viagens aéreas. Trump anunciou o evento, que dobra o número de países árabes que oficialmente reconhecem Israel, como "o amanhecer de um novo Oriente Médio". Especialistas disseram que os acordos unem ainda mais Israel e os estados árabes do Golfo contra o Irã, alvo da chamada campanha de pressão máxima do governo Trump. Os líderes palestinos argumentaram que os acordos são uma traição à sua causa.

Fonte: CFR<sup>10</sup>, compilação e tradução nossas.

9. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-relations-iran-1953-2020>. Acesso em: 05/01/21.

10. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. Acesso em: 05/01/21.



## Quadro 10 - Relações com o México

Donald Trump venceu as eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016, em parte com promessas de campanha de construir um muro de fronteira com o México e renegociar o acordo de comércio NAFTA. Depois que Trump assinou uma ordem executiva em janeiro de 2017 determinando a construção do muro, o então presidente mexicano Enrique Peña Nieto cancelou uma visita programada aos Estados Unidos.

Em agosto de 2017, os protótipos de um muro da fronteira foram concluídos, mas o Congresso dos Estados Unidos aprovou apenas US\$ 341 milhões para manter a barreira existente. Em função disso, a construção da barreira da administração Trump até agora se limitou apenas a substituir seções que precisavam de reparo.

Em agosto de 2018, o México e os Estados Unidos chegaram a um acordo bilateral comercial renovado do NAFTA.

Em 01 de dezembro de 2018, o presidente Andrés Manuel López Obrador (AMLO) tomou posse como presidente do México. Embora durante sua campanha AMLO tenha se comprometido a respeitar os direitos dos migrantes centro-americanos em trânsito no México, desde que assumiu o cargo, ele geralmente cedeu à pressão dos Estados Unidos endurecendo a fronteira sul do México com a Guatemala e fazendo com que os migrantes esperassem no México, enquanto aguardavam seus pedidos de imigração nos Estados Unidos.

Em junho de 2019, a promessa de um programa de asilo mexicano mais estrito e de reforço da segurança para desacelerar o tráfico de imigrantes ilegais para os Estados Unidos evitou uma possível guerra tarifária entre os dois países. Trump já havia ameaçado com uma tarifa de importação de 5% sobre todos os produtos mexicanos.

Em 04 de novembro de 2019, nove cidadãos americanos-mexicanos da família LeBarón, residentes no estado mexicano de Sonora, foram mortos em uma emboscada de cartéis de drogas. O presidente Trump ofereceu assistência na investigação. O presidente mexicano Lopez Obrador recusou essa ajuda dos Estados Unidos, mantendo sua estratégia de "abraços, não balas".

Em 07 de julho de 2020, o presidente Lopez Obrador fez uma visita a Washington e se encontrou com o presidente Trump para comemorar o início do acordo comercial Estados Unidos-México-Canadá.

Fontes: State.gov, BBC, NYTimes, WhiteHouse.gov, Washington Examiner, Washington Post, WSJ, Reuters, LA Times<sup>11</sup>, compilação e tradução nossas.

11. Materiais originais completos disponíveis em (Acesso em 05/01/21):

<https://www.state.gov/u-s-relations-with-mexico>;

<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-46824649>;

<https://www.nytimes.com/2017/01/26/world/mexicos-president-cancels-meeting-with-trump-over-wall.html>;

<https://www.whitehouse.gov/presidential-actions/executive-order-border-security-immigration-enforcement-improvements>;

<https://www.washingtonexaminer.com/news/trump-has-not-built-a-single-mile-of-new-border-fence-after-30-months-in-office>;

<https://www.washingtonpost.com/world/2020/07/08/trump-mexico-amlo-visit>;

<https://www.wsj.com/articles/relatives-say-at-least-5-u-s-citizens-were-killed-in-north-mexico-shooting-11572949398>;

<https://www.reuters.com/article/us-usa-trade-mexico-talks/trump-calls-off-tariffs-after-mexico-vows-to-tighten-borders-idUSKCNIT8196>;

<https://www.latimes.com/business/la-fi-nafta-usmex-deal-20180827-story.html>.

## Quadro 11 - Relações com a Rússia

No início de julho de 2017, em uma visita a Varsóvia, Trump fez um discurso no qual enfatizou uma luta civilizacional pelo Ocidente e, pela primeira vez, se referiu explicitamente a cláusula de defesa mútua da OTAN. Na Alemanha, Trump participou da reunião dos líderes do G20, em que se reuniu pela primeira vez como presidente com o presidente russo Vladimir Putin. A reunião foi muito aguardada em meio a investigações em andamento sobre a interferência russa nas eleições de 2016 nos Estados Unidos.

No início de 2018, o governo norte-americano divulgou uma série de documentos estratégicos, incluindo documentos sobre segurança e defesa nacional, que destacavam a China e a Rússia como principais concorrentes estratégicos. Logo depois, lançou o *Nuclear Posture Review* (NPR), que previa a criação de dois novos mísseis nucleares para submarinos. O NPR também ampliou as circunstâncias sob as quais os Estados Unidos poderiam usar armas nucleares para abranger ataques cibernéticos.

Em 16 de julho de 2018, Trump e Putin se encontraram em Helsinque para uma reunião de duas horas a portas fechadas, acompanhados apenas por dois intérpretes. Embora os líderes afirmem ter discutido a guerra civil na Síria, o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário e a invasão da Rússia na Ucrânia, o conteúdo da discussão permanece amplamente desconhecido. A reunião culminou em uma entrevista coletiva durante a qual Trump lança dúvidas sobre a conclusão das agências de inteligência dos Estados Unidos de que a Rússia se intrometeu na eleição presidencial de 2016.

Fontes: CFR<sup>12</sup>, compilação e tradução nossas.

## Quadro 12 - Relações com a Síria

No dia 07 de abril de 2017, em retaliação ao uso da arma química sarin pelo presidente sírio Bashar al-Assad em um ataque contra civis, Trump autorizou um ataque de míssil limitado à Base Aérea de Shayrat, controlada pelo regime. As medidas patrocinadas pelos Estados Unidos contra o regime, foram bloqueadas pela Rússia no Conselho de Segurança da ONU bloqueadas.

Em 13 de abril de 2018, Trump ordenou que militares dos Estados Unidos atacassem três instalações na Síria ligadas ao programa de armas químicas do regime de Bashar al-Assad. Os ataques aéreos, uma resposta ao alegado uso de armas químicas pelo governo sírio contra civis, foram realizados em coordenação com forças da França e do Reino Unido.

Trump anunciou, em dezembro de 2018, que os Estados Unidos retirariam todos os seus mais de 2.000 soldados da Síria, embora não tenha especificado um cronograma. Ele pediu ao Pentágono que apresentasse um plano para retirar metade dos que serviam no Afeganistão também. Muitos democratas e republicanos no Congresso consideraram a decisão precipitada.

12. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. Acesso em: 05/01/21.

Em 06 de outubro de 2019, após uma ligação com o presidente turco Recep Tayyip Erdoğan, Trump decidiu abruptamente retirar todas as tropas norte-americanas restantes do norte da Síria. Dois dias depois, as tropas turcas invadiram a Síria para combater grupos curdos, que Ancara rotulou de terroristas. Os curdos buscaram proteção do regime de Assad e dos aliados russos. O governo Trump respondeu com sanções à Turquia, um aliado da OTAN, levando a negociações para um cessar-fogo permanente. O acordo permitiu que os curdos sírios evacuassem e dividissem o controle do território ao longo da fronteira Síria-Turquia entre as forças governamentais turcas, russas e sírias.

Em 26 de outubro de 2019, Trump anunciou que o líder do autoproclamado Estado Islâmico, Abu Bakr al-Baghdadi, foi morto pelas forças dos Estados Unidos. Seu sucessor imediato também foi morto em um ataque separado. Baghdadi, que já controlou milhares de quilômetros quadrados de território em todo o Oriente Médio, estava escondido no norte da Síria, oito meses depois que o Estado Islâmico perdeu o último remanescente de seu califado no país.

Fontes: CFR<sup>13</sup>, compilação e tradução nossas.

### Quadro 13 - Relações com a Venezuela

Em 23 de janeiro de 2019, a Casa Branca reconheceu o líder da oposição venezuelana Juan Guaidó como presidente interino do país, juntando-se a mais de cinquenta outros países que consideram a reeleição de Nicolás Maduro em 2018 ilegítima. Enquanto a Venezuela continuava lutando contra a hiperinflação, a escassez de produtos básicos e uma crise de refugiados, as tentativas de Washington de enviar ajuda humanitária foram bloqueadas na fronteira. Trump se recusou a descartar uma ação militar contra Maduro e mais tarde impôs sanções.

Em 26 de março de 2020, o Departamento de Justiça dos Estados Unidos divulgou acusações contra o presidente Nicolás Maduro e 13 outros atuais ou ex-membros do governo e militares da Venezuela. Além das acusações, o procurador-geral dos Estados Unidos, William Barr, ofereceu uma recompensa de US\$ 15 milhões por informações que levassem à prisão ou condenação de Maduro, bem como US\$ 10 milhões em recompensas por informações sobre Diosdado Cabello, presidente da Assembleia Nacional Constituinte da Venezuela; Tarek El Aissami, vice-presidente de economia; Hugo Carvajal, ex-diretor de inteligência militar; e Cliver Alcalá, general aposentado.

Dias depois, o governo norte-americano revelou novas medidas: o Departamento de Estado propôs um "Marco de Transição Democrática para a Venezuela", oferecendo-se para aliviar as sanções em troca do regime de Maduro e do reconhecimento de Juan Guaidó como Presidente legítimo da Venezuela para formar um governo até o prazo estipulado dentro do qual eleições seriam realizadas.

Em abril de 2020, o governo Trump moveu tanques perto das águas venezuelanas em um esforço para impedir que os traficantes de drogas "explorassem a pandemia COVID-19" e que a Venezuela lucrasse com a venda de drogas.

Fontes: CFR<sup>14</sup>, CommonDreams e GlobalAmericans, compilação e tradução nossas.

13. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. Acesso em: 05/01/21.

14. Material original completo disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. Acesso em: 05/01/21. Fontes complementares em: < <https://www.commondreams.org/views/2020/03/28/trumps-narcoterrorism-indictment-maduro-already-backfires>; < <https://theglobalamericans.org/2020/04/trumps-strategy-in-venezuela/>>. Acesso em 05/01/21.

## Ponderações Finais

Como pudemos verificar ao longo desse estudo, a política externa dos últimos quatro anos é complexa e divide opiniões. Para Oliva e Shanahan (2019, p. 04), por exemplo, a administração Trump foi marcada por “falta de preparo, fracasso na formação de uma equipe para governar de forma eficiente, dependência de familiares e comportamento errático”. De acordo com essa perspectiva, a política externa de Trump careceu de uma estratégia coerente, já que muitas das decisões tomadas prejudicaram a economia, o prestígio e a credibilidade dos Estados Unidos no exterior.

De acordo com Haass (2020b), por sua vez, Trump “desfez” a política externa dos Estados Unidos. Para o autor, o título ideal para um livro de memórias dessa administração seria *“Present at the Disruption”*. Trata-se de uma clara referência à obra de Dean Acheson, intitulada *“Present at the Creation”*, publicado em 1969. Acheson foi um dos principais arquitetos do mundo pós-guerra, nos anos 1940, atuando como Secretário de Estado Adjunto para Assuntos Econômicos. Nas palavras de Haass (2020b, s/p, tradução e grifos nossos),

As políticas externas dos quatro primeiros presidentes pós-Guerra Fria - George HW Bush, Bill Clinton, George W. Bush e Barack Obama - mesclaram as principais escolas de pensamento que guiaram a abordagem dos Estados Unidos ao mundo desde a Segunda Guerra Mundial. Isso incluía **realismo** (ênfase na estabilidade global, em grande parte mantendo um equilíbrio de poder e tentando moldar as políticas externas, em vez de internas, de outros países); **idealismo** (dar maior peso à promoção dos direitos humanos e moldar a trajetória política interna de outros países); e **humanitarismo** (enfocando o alívio da pobreza, o alívio de doenças e o atendimento aos refugiados e deslocados). Os quatro presidentes diferiram em sua ênfase, mas também tinham muito em comum. Trump rompeu com todos eles.

Como consequência, Schake (2019) considera que Trump atuou como um “crítico poderoso das práticas existentes”, mas não foi capaz de entregar melhores resultados, o que teria fortalecido adversários dos Estados Unidos, principalmente Rússia e China.

Por outro lado, para Sullivan (2018), é possível afirmar que a ordem liberal poderá sobreviver ao mundo pós Trump na medida em que os Estados Unidos construí-

ram-na com base em três proposições fundamentais que continuam sendo aceitas pela maior parte dos países: de que a abertura econômica e a integração levam a uma prosperidade maior e mais amplamente compartilhada; de que a abertura política, a democratização e a proteção dos direitos humanos levam a sociedades mais fortes e justas e a uma cooperação internacional mais eficaz; e de que a abertura econômica e política se reforçam mutuamente. Assim, estaríamos diante de mais uma etapa no processo de transformação dos Estados Unidos de uma hegemonia para uma liderança que divide protagonismo com outras potências. Por fim, mesmo diante das inúmeras tentativas de ruptura por parte de Trump, danos sistêmicos nas relações externas foram, muitas vezes, limitados pelo Congresso, pela Suprema Corte, por sua própria equipe de segurança nacional e pelas circunstâncias da realidade. Drezner (2019c) igualmente defende a ideia de que “Trump falhou em criar novas instituições ou reorganizar as burocracias de política externa existentes para melhor servir aos seus objetivos políticos”.

Certamente a falta de distanciamento histórico e as paixões que Trump desperta ainda dificultam, em alguma medida, estabelecer juízo dos efeitos de suas ações em matéria de política externa. Vale lembrar que mesmo diante de inúmeras controvérsias, Trump figurava como favorito durante boa parte do processo eleitoral. Foi derrotado sobretudo pela gestão da crise do coronavírus e pelo colapso econômico decorrente da pandemia.

No alvorecer de 2021 Biden chega ao poder, portanto, cercado de desafios e diante da expectativa de reverter diversas políticas da era Trump. Do ponto de vista diplomático, Amaral (2020) resume que haverá espaço para a “retomada das alianças com parceiros tradicionais, como a Europa, para a negociação de um *modus vivendi* com a China, na retomada do Acordo de Paris sobre o Clima, na renegociação das salvaguardas nucleares com o Irã e no fortalecimento do multilateralismo”.

Por outro lado, Mead (2020) sugere que, para muitos, haverá decepções. De acordo com sua visão, Biden não retornará à uma agenda de livre comércio. Está cercado de assessores que criticam abertamente os ditames da cartilha liberal tradicional. Também deve dar continuidade à posição de Trump no que tange à China, embora possivelmente busque estabelecer a competição de maneira diferente. Nessa mesma linha, deverá abrir espaço para “uma nova ênfase nos direitos humanos”, o que poderia levar a conversas interessantes com potências regionais, incluindo Vietnã, Mianmar, Tailândia e até mesmo a Índia. Por fim, embora critique as ações de Trump no que tange ao Irã, enfrentará dificuldades em criar consensos, mesmo entre os democratas, sobre uma nova forma de tratamento. Nas palavras de Mead (2020), a política externa estará, acima de tudo, “lutando contra o imprevisível”. Acompanharemos.

# Referências

AMARAL, Sérgio. Cena internacional mudou, política externa terá de se ajustar. **OESP**. Disponível em: <https://opinio.estado.com.br/noticias/espaco-aberto,cena-internacional-mudou-politica-externa-tera-de-se-ajustar,70003565838>. Acesso em: 05/01/21.

CFR. Trump's Foreign Policy Moments. **Council on Foreign Relations**. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/trumps-foreign-policy-moments>. Acesso em: 05/01/21.

CFR. US-China Relations. **Council on Foreign Relations**. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-relations-china>. Acesso em: 05/01/21.

CFR. US-Cuba Relations. **Council on Foreign Relations**. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-cuba-relations>. Acesso em: 05/01/21.

CFR. US-Iran Relations. **Council on Foreign Relations**. Disponível em: <https://www.cfr.org/timeline/us-relations-iran-1953-2020>. Acesso em: 05/01/21.

DREZNER, Daniel W. Economic Statecraft in the Age of Trump. **The Washington Quarterly**, 42:3, 7-24, 2019a. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0163660X.2019.1663072?journalCode=rwaq20>. Acesso em: 05/01/21.

DREZNER, Daniel W. Present at the Destruction: The Trump Administration and the Foreign Policy Bureaucracy. **The Journal of Politics**, volume 81, number 2. Published online March 5, 2019c. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/702230?journalCode=jop>. Acesso em: 05/01/21.

DREZNER, Daniel W. This Time Is Different: Why U.S. Foreign Policy Will Never Recover. **Foreign Affairs**, May/June 2019b. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/2019-04-16/time-different>. Acesso em: 05/01/21.

HAASS, Richard N. Foreword. In: BLACKWILL, Robert D. Trump's Foreign Policies Are Better Than They Seem. **CFR**, Council Special Report No. 84, April 2019. Disponível em: <https://www.cfr.org/report/trumps-foreign-policies-are-better-they-seem>. Acesso em: 05/01/21.

HAASS, Richard N. Present at the Disruption: How Trump Unmade U.S. **Foreign Affairs**, September/October 2020b. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/untied-states/2020-08-11/present-disruption>. Acesso em: 05/01/21.

HAASS, Richard N. **Trump's foreign policy doctrine?** The Withdrawal Doctrine, 27/05/2020a. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/2020/05/27/trumps-foreign-policy-doctrine-withdrawal-doctrine/>. Acesso em: 05/01/21.

IKENBERRY, G. John. The Plot Against American Foreign Policy: Can the Liberal Order Survive?. **Foreign Affairs**, May/June, 2017. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2017-04-17/plot-against-american-foreign-policy>. Acesso em: 05/01/21.

MAYER, Matt A. **Trump's Zero Sum Foreign Policy**, 25/01/2017. Disponível em: <http://www.opportunityohio.org/wp-content/uploads/2017/01/Elsevier-January-2017.pdf>. Acesso em: 05/01/21.

MEAD, Walter Russell. **Special Providence: American Foreign Policy and How It Changed the World**. New York: Routledge, 2002.

MEAD, Walter Russell. The Jacksonian Revolt: American Populism and the Liberal Order. **Foreign Affairs**, March/April, 2017. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2017-01-20/jacksonian-revolt>. Acesso em: 05/01/21.

NYE JR, Joseph S. Is Trump a Turning Point in World Politics?. **Project Syndicate**, 01/09/2020. Disponível em: <https://www.project-syndicate.org/commentary/trump-legacy-for-world-politics-by-joseph-s-nye-2020-08?barrier=accesspaylog>. Acesso em: 05/01/21.

OFFICE OF THE HISTORIAN. Donald J. Trump. Disponível em: <https://history.state.gov/departments/history/travels/president/trump-donald-j>. Acesso em 05/01/21.

OLIVA, Mara; SHANAHAN, Mark. Introduction. In: OLIVA, Mara; SHANAHAN, Mark (Eds.). **The Trump Presidency: From Campaign Trail to World Stage**. Switzerland: Palgrave Macmillan, 2019.

PORTER, Patrick. **Why America's Grand Strategy Has Not Changed: Power, Habit, and the U.S. Foreign Policy Establishment**. *International Security*, Vol. 42, No. 4, Spring 2018. Disponível em: <https://www.belfercenter.org/sites/default/files/files/publication/Porter.pdf>. Acesso em: 05/01/21.

POSEN, Barry R. The Rise of Illiberal Hegemony: Trump's Surprising Grand Strategy. **Foreign Affairs**, March/April, 2018. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/2018-02-13/rise-illiberal-hegemony>. Acesso em: 05/01/21.

SCHADLOW, Nadia. The End of American Illusion: Trump and the World as It Is. **Foreign Affairs**, September/October 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/americas/2020-08-11/end-american-illusion>. Acesso em: 05/01/21.

SCHAKE, Kori. Back to Basics: How to Make Right What Trump Gets Wrong. **Foreign Affairs**, May/June 2019. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/2019-04-16/back-basics>. Acesso em: 05/01/21.

SCHULTZ, David. American Foreign Policy in the Age of Donald Trump. **Lithuanian Annual Strategic Review**, Volume 17, 2019.

SULLIVAN, Jake. The World After Trump: How the System Can Endure. **Foreign Affairs**, March/April, 2018. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/system/files/pdf/issues/2018/97200.pdf>. Acesso em: 05/01/21.

THE WHITE HOUSE, 2017c. **National Security Strategy of the United States of America**, 17/12/2017c. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>. Acesso em: 05/01/21.

THE WHITE HOUSE. **Remarks by President Trump to the 72nd Session of the United Nations General Assembly**, 19/09/2017b. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-72nd-session-united-nations-general-assembly/>. Acesso em: 05/01/21.

THE WHITE HOUSE. **Remarks by President Trump to the 73rd Session of the United Nations General Assembly**, 25/09/2018. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/remarks-president-trump-73rd-session-united-nations-general-assembly-new-york-ny/>. Acesso em: 05/01/21.

THE WHITE HOUSE. **The Inaugural Address**, 20/07/2017a. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefings-statements/the-inaugural-address/>. Acesso em: 05/01/21.

TRUMP, Donald. **Full text: Donald Trump 2016 RNC draft speech transcript**, 21/07/2016a. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2016/07/full-transcript-donald-trump-nomination-acceptance-speech-at-rnc-225974>. Acesso em: 05/01/21.

TRUMP, Donald. **Transcript: Donald Trump's Foreign Policy Speech**, 27/04/2016b. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2016/07/full-transcript-donald-trump-nomination-acceptance-speech-at-rnc-225974>. Acesso em: 05/01/21.





CENTRO BRASILEIRO DE  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Luiz Fernando Furlan

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Diretora-Presidente

Julia Dias Leite

Conselho Curador

André Clark

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Demétrio Magnoli

Edmar Bacha

Gelson Fonseca Junior

Henrique Rzezinski

Ilona Szabó

Joaquim Falcão

José Aldo Rebelo

José Luiz Alquéres

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Marcos Galvão

Maria do Carmo (Kati) Nabuco de Almeida Braga

Paulo Hartung

Renato Galvão Flôres Junior

Roberto Abdenur

Roberto Jaguaribe

Ronaldo Veirano

Sergio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch

Conselho Consultivo Internacional

Albert Fishlow

Alfredo Valladão

André Corrêa do Lago

Andrew Hurrell

Antonio Patriota

Felix Peña

Flávio Damico

Jackson Schneider

Julia Sweig

Kenneth Maxwell

Leslie Bethell

Marcos Caramuru

Marcos Jank

Monica de Bolle

Sebastião Salgado

## Associados

---

### Instituições

Abiquim  
Aegea  
Aeróleo Táxi Aéreo  
BAMIN  
Banco Bocom BBM  
BASF  
BMA Advogados  
BDMG  
BNDES  
BRF  
Brookfield Brasil  
Bunker One  
Captalys Investimentos  
CCCC/Concremat  
Comerc Energia  
Consulado Geral dos Países Baixos no Rio de Janeiro  
Consulado Geral da Irlanda em São Paulo  
Consulado Geral do México no Rio de Janeiro  
Consulado Geral da Noruega no Rio de Janeiro  
CTG Brasil  
Dannemann, Siemsen, Bigler & Ipanema Moreira  
Dynamo  
EDP  
Eletrobras  
Embaixada da China no Brasil  
ENEVA  
ENGIE Brasil  
Equinor  
ExxonMobil  
FCC S.A.  
Grupo Lorentzen  
Grupo Ultra  
Huawei  
IBÁ  
IBRAM  
Icatu Seguros  
InvestHK  
Ipanema Investimentos  
Itaú Unibanco  
JETRO  
Klabin  
Lazard  
Light  
Mattos Filho Advogados  
Museu do Amanhã  
Michelin  
Neoenergia  
Oktri Empreendimentos  
Paper Excellence  
Petrobras  
Pinheiro Neto Advogados  
Prumo Logística  
Repsol Sinopec  
Sanofi  
Santander  
Shell  
Siemens Energy  
Souza Cruz  
SPIC Brasil  
State Grid  
Tecnol  
Total E&P do Brasil  
Vale  
Veirano Advogados  
Vinci Partners

## Senior Fellows

---

Adriano Proença  
Ana Célia Castro  
Ana Paula Tostes  
André Soares  
Benoni Belli  
Carlos Milani  
Clarissa Lins  
Daniela Lerda  
Denise Nogueira Gregory  
Diego Bonomo  
Evangelina Seiler  
Fabrizio Sardelli Panzini  
Fernanda Guardado  
Fernanda Magnotta  
Hussein Kalout  
Izabella Teixeira  
Larissa Wachholz  
Leandro Rothmuller  
Lia Valls Pereira  
Mário Ripper  
Matias Spektor  
Miguel Correa do Lago  
Monica Herz  
Patrícia Campos Mello  
Paulo Sergio Melo de Carvalho  
Pedro da Motta Veiga  
Philip Yang  
Ricardo Sennes  
Rogerio Studart  
Sandra Rios  
Tatiana Rosito  
Vera Thorstensen  
Victor do Prado

## Equipe CEBRI

---

Diretora-Presidente  
Julia Dias Leite  
Diretora Relações Institucionais e Comunicação  
Carla Duarte  
Diretora de Projetos  
Luciana Gama Muniz

### Projetos

Gerente de Projetos  
Lara Azevedo  
Eduardo Alvim  
Consultoras  
Cintia Hoskinson  
Marianna Albuquerque  
Hugo Bras Martins da Costa  
Estagiários  
Gustavo Berlie  
Larissa Vejarano

### Relacionamento Institucional e Eventos

Gerente de Relações Institucionais e Eventos  
Barbara Brant  
Consultores  
Caio Vidal  
Nana Villa Verde  
Estagiário  
Lucas Bilheiro

### Comunicação

Institutional Communication Coordinator  
Renata Fraga  
Consultora  
Gabriella Cavalcanti  
Volunteer Intern  
Paula Reisdorf

### Administrativo e Financeiro

Coordenadora Administrativa-Financeira  
Fernanda Sancier  
Assistente  
Kelly C. Lima



---

### ONDE ESTAMOS:

Rua Marquês de São Vicente, 336  
Gávea, Rio de Janeiro - RJ - Brazil  
22451-044

Tel: +55 (21) 2206-4400  
[cebri@cebri.org.br](mailto:cebri@cebri.org.br)



[www.cebri.org](http://www.cebri.org)